Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

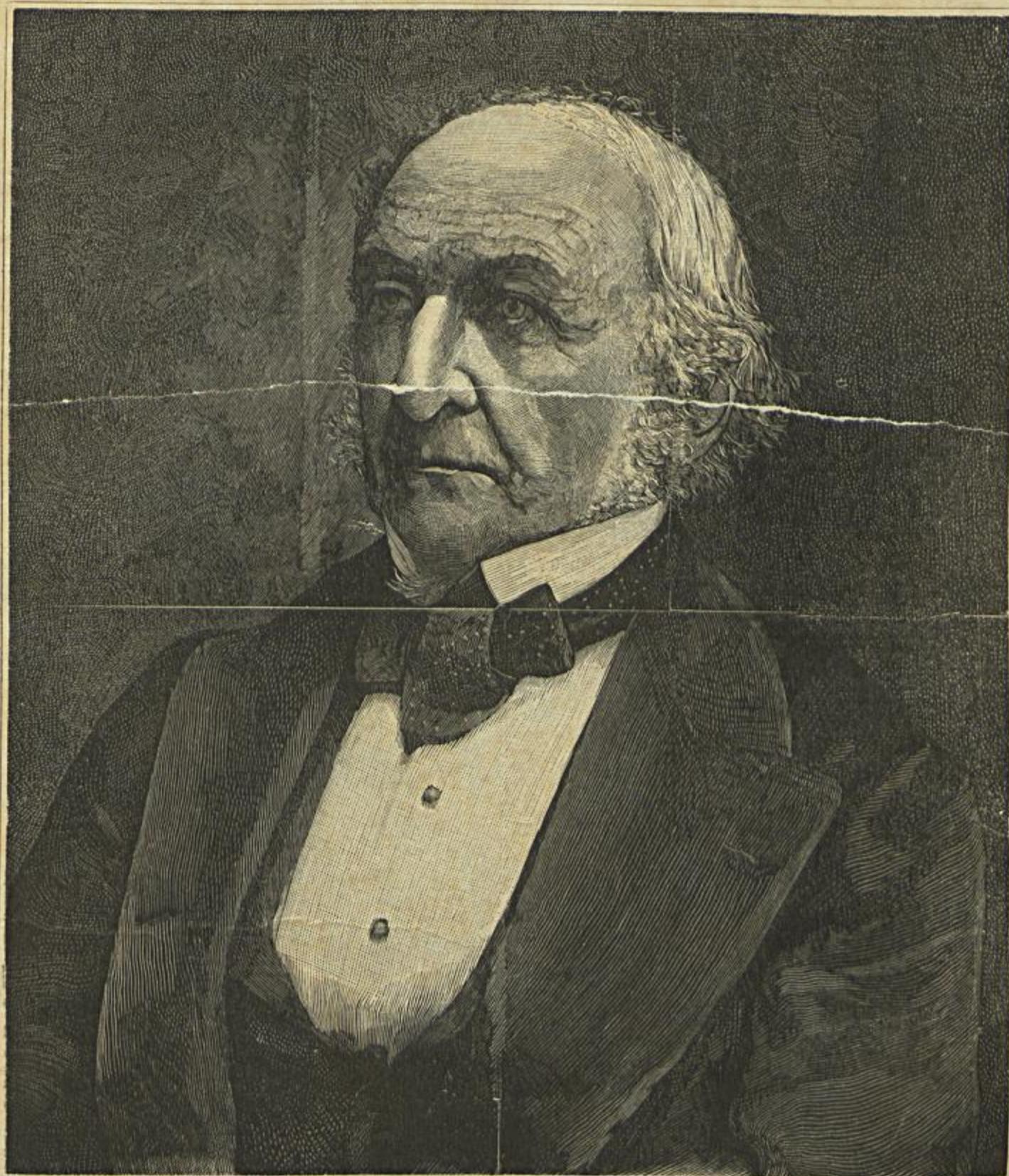
Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

15.º Anno — XV Volume — N.º 493

1 DE SETEMBRO DE 1892

Redacção – Atelier de Gravura – Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

W E GLADSTONE

CHRONICA OCCIDENTAL

Aconteceu exactamente o que eu previa na minha ultima chronica, e, sem modestia, não era preciso ser propheta para o prever — a inauguração da praça de touros no Campo Pequeno veio resuscitar a paixão pelas touradas, paixão de ha seculos entranhada no lisboeta e que a condemnação e o desapparecimento da praça do Campo de Sant'Anna tinham adormecido, mas não anniquilado, no coração indigena.

Do mesmo modo que as corridas de cavallos por mais que façam, por mais que as mettam á cara do povo de Lisboa nunca hão de pegar de vez, nunca hão de passar d'um divertimento postiço na nossa terra, as corridas de touros, por mais que se faça, embora privem d'ellas durante annos a nossa gente, hão de ser sempre o divertimento popular por excellencia entre nós que somos peninsulares, e que apesar de repudiarmos o nosso proximo parentesco com a Hespanha, apesar de em todas as manifestações artisticas e litterarias da nossa vida preferirmos o figurino francez, no que toca a touros somos positivamente hespanhoes.

E a prova mais frisante d'isto é que nós geralmente tristonhos, silenciosos, nós por indole macambuzios, — embora os francezes nos chamem *gais*, o que não foi com certeza a synthese d'um estudo de costumes, mas simplesmente a necessidade d'uma rima para *portugais* — nas touradas despimos completamente a nossa individualidade sorumbatica e somos ruidosos, expansivos, alegres, gritadores, como os mais espalhafatosos andaluzes.

O que nós não temos é o feitio de exigir aquillo que desejamos, e mesmo em questão de *touradas* conservamo-nos fieis á passividade preguiçosa, moleirona, que nos caracterisa ha um bom par d'annos a esta parte, a essa passividade que faz com que nos habituemos a tudo com tanto que não tenhamos de nos incommodar, a essa passividade que faz do nosso povo o povo melhor para se governar, o que infelizmente não tem feito com que tenha apparecido quem o governe bem.

O povo de Lisboa gosta immenso de touradas, as corridas de touros são o seu devertimento favorito, mas um bello dia a policia condemnou, e muito bem condemnada, a praça do Campo de Sant'Anna, a praça foi demolida, as touradas acabaram e o publico deixou se ficar n'uma impassibilidade indifferente, que parecia que tanto se lhe dava como se lhe deu.

E se meia duzia de amadores tauromachicos não se tivessem associado para fazer uma nova praça de touros as touradas teriam acabado de todo entre nós.

Acontece o mesmo com o theatro de S. Carlos.

Toda a gente sabe que o theatro lyrico é o grande divertimento de Lisboa d'inverno, mas este anno em meio da época, a empreza falliu, o theatro fechou e ninguem pensou em dar um passo para o fazer abrir e ninguem pensou ou pensa em tratar de organisar uma empreza para a futura época, e é certo já que no proximo inverno Lisboa passará sem S. Carlos, sem o seu divertimento favorito.

O mesmo com as feiras.

O povo morre por feiras, e a prova é vêr as enchentes que tem a feira de Belem todos os domingos e dias santos: pois um bello dia tiram-lhe a feira de Belem, a feira das Amoreiras, e não houve um protesto sequer, não se pensou mais n'isso e passou se sem feiras.

Este anno resuscitam a feira de Belem e o povo lá corre a ella como corria d'antes, o que quer dizer evidentemente, que a sua indifferença quando lh'a tiraram não significava o não gostar das feiras, significava apenas o seu feitio orginalissimo e caracteristico de se accomodar sem protesto a todas as circumstancias.

Agora com os touros é o que se está vendo: um enthusiasmo doudo, positivamente uma loucura, e não chega a comprehender-se que um povo que tem por um divertimento esta paixão ardente se resignasse a passar sem esse divertimento durante quatro annos, sem um protesto sequer, sem dar um unico passo para tentar resuscital-o de novo.

Tem já havido tres corridas de touros na praça nova do Campo Pequeno, e essas tres corridas tem sido tres enchentes colossaes, enchentes quasi inverosimeis dadas as enormes proporções da praça e a falta de gente que ha em Lisboa n'estas épocas de villegiatura em que se póde dizer que a Lisboa conhecida anda toda pelas estações de aguas, pelo campo e pelas praias.

E o enthusiasmo, a animação tem crescido de tourada para tourada, e apesar dos preços serem muito elevados em relação ao preço de todos os outros espectaculos de Lisboa, os bilhetes são disputados com cinco e seis dias de antecedencia com uma tal avidez, que a concorrencia de gente ás lojas da baixa onde esses bilhetes se vendem tem sido tal que tem feito pejamento nas ruas e interrompido o transito.

Ora essa avidez que nós não contavamos que fosse tão grande foi causa de ainda não termos assistido a nenhuma das tres corridas.

A' primeira não pudemos ir: quando queriamos ir á segunda accordamos tarde, e á terceira, á do Manzantini imaginavamos ter accordado cedo, quatro dias antes, mas era já uma vez bilhetes. Só havia bilhetes do sol, os mais baratos de todos, baratos mesmo de mais porque dão direito não só a ver uma corrida, mas tambem a apanhar um typho.

Ainda tivemos uma esperança: — os contratadores e no domingo ás 4 horas e meia fomos por ahi acima, até ao Campo Pequeno, resolvidos a alugar um camarote se o premio não fosse muito grande.

Não era nem grande nem pequeno, não era nenhum porque camarote não havia nem um para amostra nas mãos dos contratadores.

Entretanto não démos por mal empregado nem o nosso tempo nem o nosso trem porque passamos umas horas agradaveis vendo a multidão enorme que a pé, de americano, de carruagem se dirigia para o Campo Pequeno, vendo a animação desusada, que havia em torno da praça, passeando no Campo Grande, onde ha muito tempo não iamos e que está um parque lindissimo, a coisa melhor que no genero ha em Lisboa, e que devia ser o passeio por excellencia dos lisboetas, se cá houvesse bom gosto.

Vimos tambem pela primeira vez a praça, por fóra, mas esse espectaculo realmente não é dos mais agradaveis.

Segundo uma usança muito inveterada na nossa terra a praça inaugurou-se sem estar concluida, faltando-lhe mesmo muito para isso. Por dentro não sabemos como ella está, dizem-nos que faz muito bom effeito, por fóra o effeito é doploravel, toda cheia de andaimes, com as paredes ainda em cal e areia, um predio grande em obras.

* * *

A semana artistica foi toda hespanhola.

Na praça de touros Manzantini e a sua quadrilha, no Gymnasio o actor hespanhol Vico e a sua companhia, no Colyseu da Rua Nova da Palma os pequenos hespanhoes, e até no theatro da Avenida a peça nova, uma peça traduzida do hespanhol, *O Joven Telemaco*, com musica hespanhola, e até mesmo lettra em hespanhol, *me gustan todos, me gustan todos.*

O actor Vico, que tem um grande nome em toda a Hespanha, nome cuja fama de ha muito chegára até nós, é um artista notabilisimo, da illustre familia dos Salvini e dos Rossi, embora não attinja sempre nos seus trabalhos as alturas gigantes em que pairam estes dois grandes mestres para assim dizer unicos na arte contemporanea.

Vico é em toda a parte do mundo um grande artista, tem a scentelha, a inspiração e a arte.

Os ultimos ensaios d'uma peça que temos para subir á scena não nos tem deixado seguir attentamente todos os trabalhos que tem feito em Lisboa, mas aquelle em que o vimos, a *Morte civil* foi o bastante para nos dar a nota do seu grande talento, da sua poderosa *envergure* artistica, das suas raras aptidões, e da sua arte primorosa, e desejamos ardentemente que Vico se domore algum tempo mais em Lisboa, para podermos acompanhar com mais regularidade os seus trabalhos e vel-o em outras creações magnificas do seu vasto reportorio, que as tem e de primeira ordem, que são lustre e orgulho da arte hespanhola contemporanea.

* * *

Ha dias Lisboa foi lugubremente impressionada por uma noticia tristissima, a da tentativa de suicidio d'um homem muito conhecido e muito estimado, um commerciante muito honrado e muito trabalhador, um homem muito intelligente, muito sympathico, muito illustrado, o sr. Pedro Moreira, o afamado ourives da rua do Ouro 103, o cento e trez que elle tornara celebre pelos seus bem feitos e originaes *réclames*.

Pedro Moreira está vivo ainda, dos ferimentos graves que fez no pescoço com uma navalha de barba, ferimentos que por um quasi nada iam alcançando as carothidas, está salvo mas do que infelizmente não está salvo ainda é da grande exaltação cerebral, que já ha tempos se apossára d'elle e que o levou á allucinação do suicidio a elle que era um rapaz alegre, jovial, engraçadissimo, a elle que era um homem de bem, um chefe de familia exemplarissimo, esposo amantissimo e pae estremoso de numerosos filhos que o adoram, e um dos quaes já um homem, é um rapaz excellente, um estudante distinctissimo que deve estar d'um dia para o outro a sahir alferes.

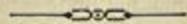
Pedro Moreira a quem os negocios ultimamente corriam menos bem, não por sua culpa, mas em resultado da crise que sobre todo o paiz tem pesado, começou a emprehender n'isso, a receiar que os seus lucros não pudessem fazer face ás suas responsabilidades, e essa apprehensão tornou-se em breve n'uma verdadeira monomania.

A familia que o adora, os amigos que oestremecem tentaram tirar-lhe isso da cabeça, procuraram mostrar-lhe, por todas as maneiras, que o seu estado financeiro estava muito longe de ser desesperado, e elle apparentementa mostrou se convencido, continuava a ir á loja, occultando tanto quanto possivel as suas tristes preoccupações, mas o seu *dada* estava lá dentro, no fundo do cerebro, foi fazendo mysteriosamente o seu sinistro caminho e ha dias deu essa desgraçada tentativa de suicidio o que ia sendo mais que uma tentativa e cujo abortamento não alegra nem tranquilisa nada a sua familia e os seus amigos porque a causa principal não está deballada, existe ainda, por ventura mais exacerbada ainda, pelo malogro d'esta primeira tentativa.

E nós todos que nos assustamos muito com o cholera quando elle apparece ao longe, que tratamos de nos pôr em guarda contra elle, não fazemos nenhum caso d'essa epidemia terrivel, que temos em casa, que vae augmentando de dia para dia com uma intensidade assustadora, essa epidemia do suicidio, que se alastra por toda a nossa sociedade, desde as classes mais illustradas até ás menos cultas, que contagia os espiritos mais illustres, mais cheios de luar, como o de Camillo, de Julio Cesar Machado, de Anthero do Quental até aos cerebros mais acanhados, mais cheios de trevas, os d'esses desgraçados cujos nomes desconhecidos apparecem todos os dias nos jornaes, aos pares, e nós que nos defendemos de todas as outras epidemias, não procuramos sequer defendermonos d'esta, quando aliaz a defeza era tão facil e tão proficua, porque está demonstrado pelas estaticas de todas as cidades, que o suicidio é terrivelmente contagioso pelo exemplo.

Ora nada mais facil do que acabar com o exemplo, não lhe dando publicidade, fazendo contra a noticia do suicidio uma santa crusada a que toda a imprensa devia adherir expontaneamente, crusada que deveria mesmo, quando preciso fosse, ser imposta pelo estado em nome da salvação publica.

Havemos de voltar a este assumpto, que merece bem ser estudado a valer, que se impõe como uma necessidade urgentissima — basta ver os jornaes onde a secção do suicidio é ha um tempo a esta parte uma secção diaria e que tem quotodianamente dois ou tres casos — assumpto de que, apezar da sua altissima importancia, ninguem faz caso.

Gervasio Lobato.

W. E. GLADSTONE

Hoje, Gladstone, como Bismarck em seguida á fundação da unidade allemã, é um nome europeu.

Apesar de muito velho não tem ainda, nos governos da Europa, estadista que se lhe avantage em tacto politico e no profundo conhecimento das questões economicas.

Em Inglaterra só se sóbe ao poder depois de ter adquirido um nome como industrial, negociante, banqueiro ou homem de sciencia, e quando em qualquer d'estas situações se mostrou sabedor do que seja a publica administração, discutindo no parlamento, no livro ou no jornal.

Nós não podemos comprehender bem este systhema de fazer homens de estado, porque em Portugal já conseguio ser ministro um rapaz que se tornou conhecido por ser musico-amador.

Por isso, a Inglaterra é um grande povo, nós somos o que se está vendo.

Em Inglaterra perde se inteiramente o prestigio e a posição, por mais eminente que ella seja, quando não haja o devido *self-respected*.

Ali, precisa-se sobre tudo ser um homem serio.

Como portuguez abomino a Inglaterra, porque nos foi depauperando de modo tão lento, tão subtilmente e que nos enfraqueceu o corpo, trazendo-nos ao cerebro a exaltação febril que nos pôz no estado actual — tudo doido!

Mas não deixo de conhecer que só encontrou resistencia em dois homens que o paiz inteiro, de resto, não ama em demasiado — o marquez de Pombal e o barão de Sabroza.

A verdade é que a figura de qualquer dos nossos homens de estado, deante de um inglez, seja elle o que fôr, não dá direito a esperarmos d'a quella nação outra attitude que não seja a de um completo desprezo.

Se eu não fosse portuguez, era uma nação que não podia deixar de admirar — a Grã-Bretanha. E um povo methodico; todo o inglez quer na sua vida publica quer na intima, é um relogio.

Seguir a longa carreira, passo a passo de Gladstone, o *grande velho*, é de admirar a regularidade de como seguia as necessidades d'aquelle povo, obrigando se a si proprio a modificações nos processos politicos, consoante a marcha dos tempos e o evolucionar do espirito dos povos,—é de admirar a vida pautada, sempre logica, d'aquelle grande trabalhador ao lado d'aquelle grande povo.

Começa, pode dizer-se, em 1834 a carreira politica de Gladstone.

Sempre homem do seu tempo, atravessando então o estadio do romantismo e do amor litterario, tornou-se logo notavel pela belleza do estyllo e pela paixão e ardor que encerravam os seus discursos e os seus escriptos.

Logo em 1839 o celebre historiador Macaulay o designou como uma florescente esperança para o partido do *torys*.

De 1835 a 1841 foi Gladstone lord da thesouraria e sub-secretario das colonias, ainda n'este ultimo anno foi vice-presidente da camara do commercio, chefe da moeda, e, além d'isso, membro do conselho privado. Em 1843 é elevado a presidente do *Board of Trade*. Em 1852 foi chanceller da fazenda no ministerio fusionista de lord Aberdeen, e em 1859 occupava o mesmo elevado cargo com lord Palmerston. Em 1865, estando no poder lord Russel, era Gladstone o *leader* conservador da camara baixa.

No anno de 1866 é que o espirito de Gladstone começa a preoccupar se com a questão irlandeza.

De facto, aquelle bom povo, a Polonia da Inglaterra, victima de exacções crudelissimas está quasi sem poder conservar familia. Por isso que as filhas eram para os *senhores* (lords) os filhos para as colonias da Inglaterra, não podendo conservar população porque o resto emigrava para as Americas, não podendo exercer profissão porque eram *addittos á gleba*, — impressionou o espirito *conservador* de Gladstone, e, convencendo se que só se pode fazer boa administração publica pelo inquerito directo, entendeu que nem tudo se deve conservar, e pensou: em tirar o estabelecimento e protecção da egreja protestante irlandeza ao estado, reformar o systhema da constituição da propriedade na Irlanda, e advogar a necessidade de crear institutos secundarios de educação para os catholicos irlandezes.

Em 1868 apparece o primeiro ministerio Gladstone que dura até 1874, foi n'este ministerio que o *grande velho*, como actualmente lhe chamam em Inglaterra, começou a realisar o seu novo credo, isto é, a pôr em pratica a sua nova maneira de ver. Approvou se uma lei onde era reconhecido ao rendeiro irlandez o direito ás melhorias que fizesse na terra.

Em 28 de abril de 1880 volta Gladstone novamente ao poder e governa até 24 de junho de 1885. D'esta vez vem com uma maioria esmagadora. Faz approvar a lei relativa á propriedade na Irlanda e realisa uma reforma tão radical, sobre o direito de votar que quasi estabelece o sufragio universal.

Esta terceira situação liberal presidida por Gladstone cae, em virtude de uma coalisão de deputados *irlandezes* com conservadores, na discussão do orçamento.

Estamos vendo que á proporção que a Inglaterra faz concessões á Irlanda, esta exige mais. E devemos reparar tambem que foi assim de concessão em concessão que em 1789, 1790 e 1791, em França, se foi preparando o *dez de agosto* de 1792 pae do conhecido NOVENTA E TREZ!!

Gladstone está velho, mas a nação ingleza é que o não está. Póde elle querer dominar os acontecimentos mas estes hão de se produzir depois da sua morte.

Em 6 de agosto de 1886 novo ministerio Gladstone que succedeu a oito mezes de situação Salisbury.

Começa um certo mal entendido de Gladstone. Elle quer liberdades para a Irlanda, esta já quer a independencia.

E' entre os deputados irlandezes que o *grande velho* menos pode confiar... elles querem desanexar-se da Inglaterra. Foram elles que o fizeram cair em 1886.

Quando Gladstone em março de 1886 apresentou finalmente ao parlamento a proposta de lei conferindo um parlamento á Irlanda, houve uma grave scisão no partido liberal e os partidarios mais influentes abandonaram *the great old man*. E, sendo a proposta regeitada, Gladstone com todo o ministerio demitte-se a 3 de agosto do mesmo anno de 1886. Governou portanto seis mezes e dias.

Actualmente a situação é muito decisiva; o governo inglez tem de ceder tudo. Porque a situação é esta: Gladstone está entre a Religião e a Revolução.

* * *

Não nos propuzemos fazer um estudo politico da nova situação ingleza, e por isso vamo-nos restringir só á importancia individual do estadista que vae ter a responsabilidade d'essa situação.

Gladstone além de homem politico e orador parlamentar é tambem um estimado escriptor, e, nos seus livros tem tratado as questões mais graves concernentes ao proletario e ao operario. Entre esses livros podemos citar *A questão irlandeza, Estudos sobre Homero e a Era homerica, O Estado nas suas relações com a Igreja, e Duas cartas sobre as perseguições do governo napolitano* (1851).

Gladstone apesar dos seus oitenta annos é muito vigoroso. Não ha ainda muito tempo decorrido que nos bosques da sua propriedade de Hawarden, enormes tratos de terreno, se entretinha a rachar lenha.

Levanta se ás 7 horas da manhã vae para a Igreja onde reza, volta a casa almoça e depois recebe a correspondencia, os filhos estão encarregados de a abrir e lêr, responde por seu proprio punho, embora a desconhecidos, e escreve quasi sempre em bilhetes postaes. Depois encerra-se na sua bibliotheca, que tem 20:000 volumes. De manhã lê historia e sciencia, de tarde delicia-se com o seu querido Homero. Ao domingo não quer trabalhar, nem mesmo quando seja primeiro ministro, lê a Biblia. Convive com um numero muito limitado de amigos, ainda que seja enorme o dos conhecidos e admiradores. Nos intimos predomina o padre. Como toda a velha aristocracia ingleza o deseja nos seus salões, Gladstone é que designa a casa a que resolve ir; a familia feliz que recebe o aviso do *great old man*, n'esse dia, não sae de casa, nem que os tecto ameacem ruina. Bebe Porto, Champagne e vinho do Rheno. Gosta bastante de escrever cartas ás senhoras; n'isto parece se muito com o nosso inolvidavel Latino Coelho que assignava sempre sob a formula: *de V. Ex.ª o mais fiel captivo...*

Parece que n'este ponto, Gladstone, está muito emendado, Lady Gladstone é terrivel. Soffre muito quando o attacam nos jornaes ou em publico, chegou a adoecer de desgosto quando o assobiaram, uma vez, em Londres.

* * *

W. E. Gladstone entra no poder cheio de serviços ao seu paiz n'uma situação muito grave para o Reino-Unido e como elle é escocez e advoga a independencia da Irlanda, é licito perguntar se não trabalhará tambem um pouco pela Escocia?

Nota final. O sr. Gladstone foi tão conservador que até combateu no parlamento, contra a emancipação dos escravos das Antilhas.

Com respeito a Portugal... Gladstone é inglez e não destroe a obra *de fora* do marquez de Salisbury, como este não destruirá o que aquelle tiver feito em relações estrangeiras.

Os portuguezes não podem esperar nada de Gladstone, mesmo porque, diga se a verdade, nós, emquanto tivermos estadistas que não pensem senão em eleições, — que pela viciação da sua base são a completa negação da representação nacional — não temos direito a cousa alguma.

Em questões de *eleições* fazemos uma grande differença da Inglaterra, A politica dos dois povos diverge especial e essencialmente no respeito que o governo inglez, seja qual fôr o partido que estiver no poder, tem pelo sufragio; e no desprezo com que ha muitos annos os governos de Portugal tratam esse mesmo direito, d'onde resulta que a Inglaterra é bem governada e Portugal... é o que estamos vendo.

Para a Inglaterra, e assim terminamos o nosso trabalho, a subida ao poder do partido libera deve trazer-lhe apenas a liberdade para a Irlanda, se não lhe trouxer uma revolução que muito deve abater o poderio inglez.

Manoel Barradas.

AS NOSSAS GRAVURAS

MEDALHA COMMEMORATIVA
DO CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DA AMERICA POR CHRISTOVÃO COLOMBO

Realisou-se em novembro do anno passado, na Academia de S. Fernando de Madrid, um concurso para um projecto de medalha commemorativa do quarto centenario da descoberta da America por Christovão Colombo.

Apresentaram-se a este concurso uns vinte modelos, alguns de verdadeiro merito e entre elles alcançou a preferencia o que se apresentou com o lema, *Genio, Fé y Perseverança*, cujo auctor se verificou ser o sr. Bartholomeu Moura E' esta medalha que reproduzimos em gravura

Representa no anverso o descobrimento da America, na madrugada do dia 12 de outubro de 1492. Christovão Colombo na caravella *Santa Maria*, aponta para a terra que principia a divisar-se no horisonte, e mostra aos tripulantes do seu navio o novo mundo que lhes havia promettido.

No reverso da medalha representa-se o regresso glorioso de Colombo, em abril de 1493. O audacioso e feliz descobridor da America apresenta-se em Barcelona, aos reis catholicos com os indigenas de novo mundo.

A exececução d'esta medalha foi confiada ao proprio auctor.

A concepção é grandiosa á parte algumas pequenas enexactidões historicas, que a necessidade da composição artistica desculpa.

A CATASTROPHE DA ILHA DE SAUGIR

Entre as noticias que ultimamente tem chegado da grande erupção do Etna, descrevendo os grandes estragos produzidos pela lava que se tem estendido a grande distancia, chegou-nos tambem a noticia de uma grande catastrophe occorrida na ilha de Saugir, produzida pela erupção do vulcão existente n'esta ilha, o Gunona-Avu, seguida do desapparecimento do mesmo com toda a parte nordeste da ilha, nos abysmos do mar.

Pereceram n'esta medonha catastrophe mais de 2:000 indigenas que ficaram sepultados no meio do oceano.

A ilha de Saugir tinha 40 kilometros de comprimento por 25 de largura e fazia parte do archipelago de Celebes composto das ilhas de Celebes, Saugir, Banca, Botao, Xoula e Salayer, situada no grande oceano Equinoccial, entre 117° e 123'' de longitude E. 1° e 50' de latitude N. 5° e 50' de latitude S.

Este archipelago foi descoberto pelos portuguezes em 1525, mas os hollandezes apossaram-se d'elle entre 1660 a 1697, a quem ainda pertence hoje.

As ilhas d'este archipelago são habitadas por uma raça que se julga de origem malaia. A ilha de Saugir contava 12:000 habitantes, agora reduzidos a 10:000 que occupam a parte que ficou da ilha.

A nossa gravura representa a ilha com o seu vulcão em actividade antes da horrivel catastrophe que o afundou.

As primeiras noticias que vieram do desapparecimento da ilha de Saugir foram communicadas pelos commandantes dos vapores *Harlem* hollandez e *Cattestum* inglez, e davam como completamente destruida a ilha, porem as ultimas noticias é que fixaram com exactidão a gradeza da catastrophe.

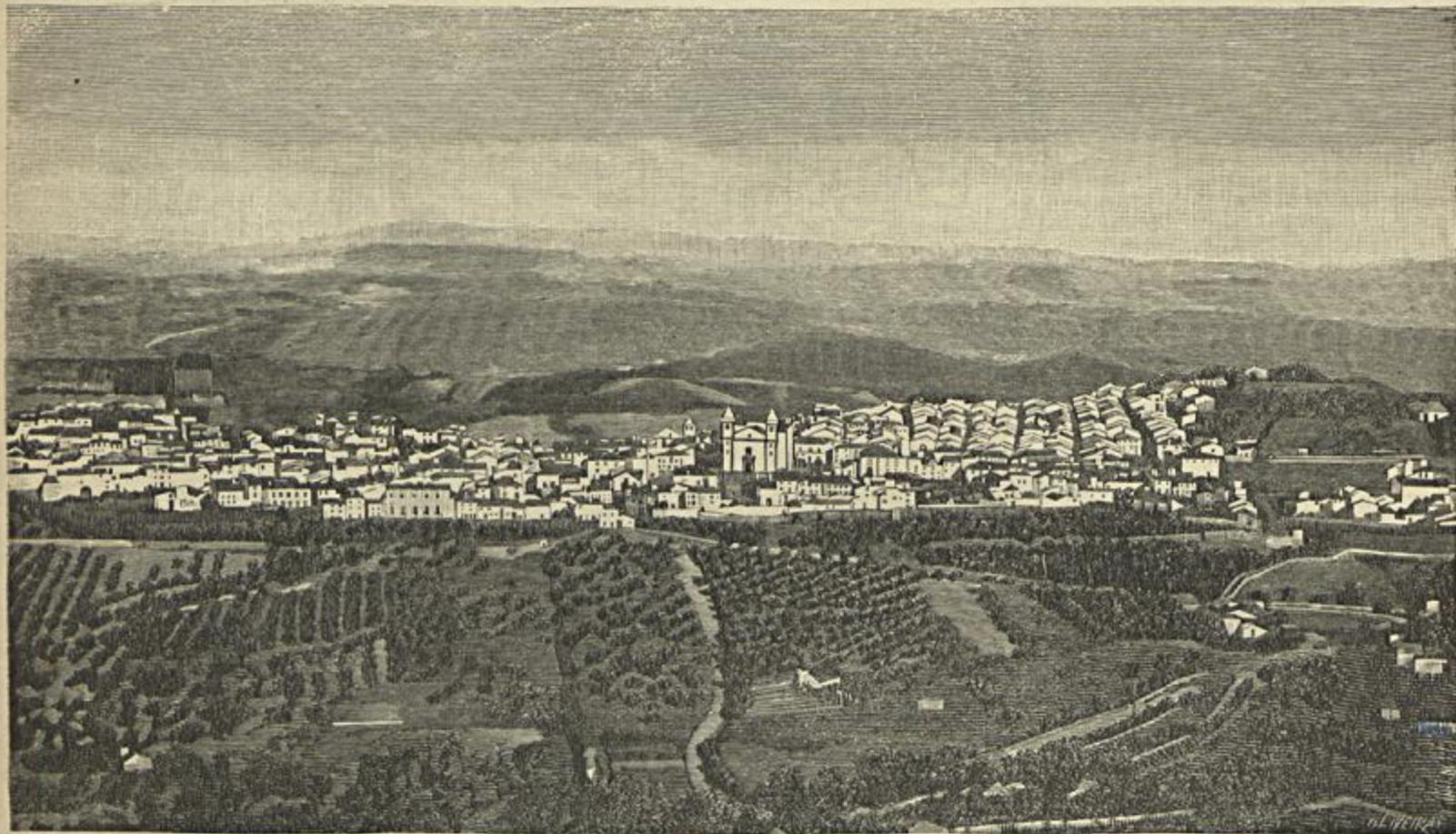
COSTUMES BULGAROS — UMA ALDEÃ

A Bulgaria é hôje um principado tributario da Turquia, e que tomou o nome dos bulgaros que ali se estabeleceram.

No tempo dos romanos chamava se Mesia interior. É limitada ao N. pelo Danubio que a separa da Valachia; ao S. pelo Balkhan, que a separa da antiga Thracia; ao O. pelo Timok, que a separa da Servia; e a E. pelo mar Negro. O seu territorio abrange 540 kilometros de comprimento por 125 de largura. A sua capital hoje é Sophia

Os bulgaros são de familia seythica, que viveu primeiro nas margens do Volga, onde ainda existe uma cidade com o nome de Bolgari. Os bulgaros vivendo no estado barbaro, sem leis, empregavam-se na caça, na guerra, em domesticar feras, e em commerciar em pelles, deixando ás mulheres os trabalhos dos campos

Expulsos no seculo v, das margens do Volga, pelos sabiras foram estabelecer-se nas costas do mar Negro e do mar de Azov, fazendo repetidas sortidas ao imperio da Grecia.

Nos annos de 560 a 634 foram subjugados pelos avaros, e em 667, os cinco filhos do seu capitão Kouvrat, dividiram estre si os seus estados, e Asparuch, um dos filhos de Kouvrat, atravessou o Dnieper e o Dniesper e foi estabelecer-se nas margens do Pruth.

Em 679 os bulgaros occuparam a Mesia, como ficou dito, e ali fundaram um reino que durou cerca de tres seculos, até que em 968 tornou-se tributario da Russia e depois foi annexado á Grecia.

Soffreu por muitos annos varias guerras principalmente a que lhe fez o imperador Basilio II, que durou 37 annos, acabando pela completa destruição do estado bulgaro, e commettendo uma das maiores barbaridades de que ha memoria a qual foi do vencedor mandar arrancar os olhos a quinze mil bulgaros, que ficaram presioneiros.

Em 1186 começou o reino Valequecumano ou Valaco bulgaro, terceiro reino bulgaro, porque se compunha da parte da Bulgaria que ficava ao Sul do Danubio. Teve cinco reis que foram Calopierre, Asan I, Joannice, João Asan II e Sisman. Este terceiro reino acabou em 1396 por morte de Sisman, que o sultão Bajazeto I mandou assassinar.

A Bulgaria hoje é um paiz relativamente civilisado, e de que se tem occupado muito frequentemente a politica europea.

Os seus costumes são extremamente pittorescos e elegantes como se póde ver do bello typo de aldeã que faz o assumpto da nossa gravura.

OITO DIAS NO ALEMTEJO

NOTAS DE VIAGEM

XI

(Continuado do n.º antecedente)

Um d'elles era o sr. Adolpho de Figueiredo, director da Alfandega de Castello de Vide, irmão dos Figueiredos da Nunciatura, dois excellentes rapazes que tinhamos conhecido muito em Lisboa e que de ha muito dormem o grande somno, e outro, o dr. João Luiz Cordeiro, o administrador do concelho, outro, o sr. Freixedas, pharmaceutico da Misericordia, e o quarto, o sr. José da Assumpção presidente da Camara de Castello de Vide.

Por uma attenção delicadissima, esses cavalheiros que representavam as principaes auctoridades da terra, o administrador do concelho, o presidente da camara, o director da Alfandega, vinham receber-nos á entrada do seu concelho.

Juntamente com elles estava um homem de cabello grisalho, cara rapada, muito queimada, muito sympathica, que veio tambem abraçar-nos ao apearmo-nos do trem.

Apresentaram-nos. Era o padre Marques, o prior da freguezia de S. Salvador, o pastor da egrejinha, que estava ao fundo do largo.

O padre Marques, o verdadeiro typo do prior rural, do padre d'aldeia, padre lavrador, alegre, *bon vivant*, intelligente, levou-nos a ver primeiro a sua egreja, uma egrejinha muito pobre mas muito acceada, muito caiada, o caracteristico de todas as casas mesmo as mais pobres do Alemtejo, e depois levou-nos a sua casa, que fica quasi defronte da egreja.

Entramos todos e achamo-nos em frente d'um *lunch* magnifico, bellos doces, excellentes fructas, uma *grosseille* magnifica, fabricada pelo proprio padre prior, e um vinho delicioso da sua lavra.

E com esse vinho do prior de S. Salvador fiz o primeiro brinde a Castello de Vide e aos meus amigos que tão amavelmente me tinham recebido.

Não podia ser de melhor agouro a nossa entrada no concelho de Castello de Vide: visitar uma egreja e beber o vinho do prior, pômo-nos bem com Deus e bem com o estomago, e assim consolados de espirito e de paladar seguimos até á villa, acompanhados pelos nossos queridos amigos que tão amavelmente nos tinham vindo esperar.

Seguimos mas ainda tivemos as nossas paragens: a primeira nas Escaleiras, umas grutas muito pitorescas com as suas formosas estalactites que constituem uma das curiosidades de Castello de Vide.

As grutas estavam cheias de agua, o que nos impediu de fazer o tradiccional passeio por debaixo da montanha, mas o que não prejudicava nada o aspecto d'essas bellas grutas, que assim transformadas em lagos subterraneos tinham aspecto muito mais pittoresco ainda.

A segunda paragem foi na casa do sr. Freixeda, onde visitámos a sua bonita capella e onde provámos o seu bello vinho, e foi assim que, na nossa entrada em Castello de Vide, o visitar capellas teve a verdadeira e real accepção que entre os lisboetas patuscos e amadores da pinga tem a phrase de visitar capellinhas.

E não passaremos adiante sem registar aqui o triumpho alcançado n'essa nossa visita pelo vinho da lavra do sr. Freixedas, que foi o escolhido e o preferido entre os vinhos do Porto e da Madeira que elle offereceu aos visitantes, ignorando todos nós que esse preferido era o do dono da casa, ignorancia que tirou a essa preferencia toda e qualquer suspeita de amabilidade lisongeira para com o nosso amphitrião.

Das Escaleiras a Castello de Vide são dois passos, por uma bella estrada orlada de quintas magnificas, entre ellas o famoso parque do sr. Lecocq, em toda a parte do mundo uma fazenda de primeira ordem.

Quando chegámos á villa vimos uma grande multidão, ouvimos tocar musicas e estoirar muitas girandolas de foguetes.

Pensámos que havia alguma festa na villa e perguntamos aos nossos companheiros.

— Ha, ha festa grande, responderam-nos elles sorrindo, é a sua chegada.

E era assim.

A amabilidade gentilissima d'aquelles nossos bons amigos tinham feito da nossa chegada uma festa em Castello de Vide, com aquella recepção tão brilhante quanto absolutamente immerecida.

Apeamo-nos commovedissimos por aquellas demonstrações de simpathia e de estima e fomos recebidos nos braços de muitos cavalheiros que co-

VISTA GERAL DE CASTELLO DE VIDE — *Vide art.* OITO DIAS NO ALEMTEJO

(Segundo uma photographia de Paino Perez)

CENTENARIO DA DESCOBERTA DA AMERICA POR CHRISTOVÃO COLOMBO

MEDALHA COMMEMORATIVA DO QUARTO CENTENARIO DA DESCOBERTA DA AMERICA

Modelo de D Bartholomeu Maura, premiado pela Real Academia de S. Fernando de Madrid

nheciamos apenas da vespera, da visita de Portalegre, a quem mercê da rapidez com que na santa hospitalidade provinciana se fazem amisades e se estreitam relações, queriamos já como a amigos de muitos annos.

Entre esses cavalheiros estava um dos mais sympathicos que tenho encontrado na minha vida, uma das primeiras personalidades de Castello de Vide, o sr. Ramiro Murta, cunhado do sr. João Severiano Carrilho Bello.

Ramiro Murta vinha receber-nos em nome do seu cunhado, que adoentado não podia sahir de casa, e que quiz dar-nos a honra de ser o nosso hospedeiro n'aquella encantadora villa de que elle é o verdadeiro rei pela sua alta influencia pessoal, pelo seu grande caracter, pelas sympathias profundas e justificadissimas de que vive rodeado.

Ha muitos annos que nós conheciamos de nome o João Severiano, e o estimavamos como um amigo velho sem nunca o termos visto, pelo muito que d'elle nos tinha fallado o João da Camara, pela estima enorme que este nosso querido amigo e companheiro de trabalho tem por elle desde o tempo em que os trabalhos da linha ferrea o fizeram premanecer em Castello de Vide uma porção de mezes, pelo que d'elle nos tinha fallado e pela amisade que lhe consagrava outro nosso amigo intimo, o nosso companheiro de viagem, Caldeira Rebollo.

João Severiano, apezar de doente, esperava-nos á porta de sua casa e ao vel-o, ao abraçal-o, comprehendemos logo, porque a sentimos immediatamente, a sympathia que esse homem inspira, as amisades profundas que entre os nossos amigos conquistara.

João Severiano recebeu-nos com aquella franqueza jovial, aquella bizarria de *grand seigueur* que é caracteristica dos bons alemtejanos. É um homem alto, robusto, novo na idade, pois tem pouco mais de 40 annos, mas velho na cara, a que as amplas barbas muito mais brancas do que grisalhas dão o aspecto d'um patriarcha antigo.

A brigar porem com essa velhice prematura das barbas brancas estão os seus olhos negros, vivos, brilhantes cheios ainda de mocidade, de vida, de energia, uns olhos de olhar profundo, mas doce, mas bom, que espelha a grande alma de João Severiano, e que transforma logo, no primeiro instante os estranhos em amigos.

O illustre e opulento lavrador recebeu-nos principescamente na sua bella casa, uma casa nova, um palacete, mobilado com o mais requintado luxo lisboeta, e onde não falta nenhuma das commodidades da vida.

Durante cerca de uma hora as duas philarmonicas da villa, a philarmonica regeneradora e a philarmonica progressista estiveram tocando de-

A CATASTROPHE DA ILHA DE SAUCIR

O VULCÃO GUNONA AVÚ NA PARTE NOROESTE DA ILHA ANTES DE AFUNDAR-SE NO OCEANO

baixo das jonellas e tive occasião de conhecer pessoalmedte, e de felicitar os dois regentes d'essas philarmonicas, outr'ora rivaes encarniçadas e hoje amigas, pelo bem que ellas tocam, que mais parecem duas bandas regimentaes do que phi'armonicas de provincia, e depois João Saveriano apresentou-nos a sua ex.ma irmã a sr.a D. Catharina, a virtuosa esposa de Ramiro Murta, a sua sobrinha D. Severiana Murta, uma gentilissima menina de 16 annos que é a primeira belleza de Castello de Vide, aos seus parentes e aos seus amigos intimos, o sr. José Pereira, um sympathico velho, um antigo e heroico soldado que foi um dos primeiros a escalar o Castello de Marvão, julgado inexpugnavel, o Antonio Luciano, intimo e inseparavel de João Severiano, o José Rebello e seus irmãos, o Campos da delegação da alfandega, um rapaz muito intelligente e d'uma graça enorme e expontanea que faria a fortuna d'um chronista, e muitos outros cavalheiros cujos nomes não me occorrem n'este momento.

Feitas estas apresentações o nosso amavel hospedeiro foi nos mostrar os aposentos que nos destinara, tres bellos quartos com uma vista encantadora para o monte da Penha, uma vista de Cintra, e depois levou nos a visitar a sua adega em quanto o seu cunhado o Ramiro Murta andava a brincar com a minha pequena mais nova a Piedade, que fizera com elle rapido conhecimento e que lhe chamava Mello, por achal-o parecido com o Mello actor, com quem aliás, o sr. Ramiro Murta se não parece inteiramente nada.

(Continúa).

Gervasio Lobato.

OS AUTOGRAPHOS DE CHRISTOVÃO COLOMBO

VI

(Continuado do n.º antecedente)

Depois de termos dado um transumpto da carta d'el-rei D. João II a Christovão Colombo passamos agora a reproduzir a que lhe foi mandada pelos reis catholicos Fernando e Isabel de Castella.

«El-Rey e a Rainha — Conselho, Justiças, Regedores, Cavalleiros, Escudeiros, Officiaes e Bons Homens de todas as cidades, villas e povoados dos nossos dominios.

«*Christofal Colon* hade vir a esta nossa côrte e a outras partes e lugares d'estes reinos para se entender em varias cousas em nosso serviço. Assim Nós vos mandemos que quando por essas ditas cidades, villas e povoados, ou por alguma d'ellas elle transite lhe dareis boa acolhida e pousada, ainda mesmo que elle, *Christofal Colon*, e os seus, não tenham dinheiro, e, se o tiverem e queiram pagar lhe leveis estrictamente o que esses generos valerem e não regateeis sobre os seus preços com elle ou com os seus, nem tenhaes com elles altercações. E por esta vos mandamos que não façaes o contrario do que ella manda e contem sob pena de 10:000 maravedis para a nossa camara de cada uma vez que do contrario fizerdes.

«Dada na cidade de Cordova aos 12 de maio de 1489. Eu: El-Rey — Eu: a Rainha.

«Por mandado d'El-Rey e da Rainha — Joham de Coloma.

*
* *

Christovão Colombo apresentou-se aos reis de Castella com a intima convicção de ser um instrumento escolhido pelo céo para na terra cumprir os seus grandes designos.

Nada mais santo, mais forte e mais digno do que a Fé, que desde Jesus-Christo até Colombo e Joanna d'Arc tem feito na terra tantos heroes!

Os reis de Hespanha ouvindo os extraordinarios projectos de Christovão Colombo, ficaram como que deslumbrados. A realisarem-se aquelles sonhos a Hespanha sobrepassaria a gloria maritima de Portugal, então a unica nação, que, com as suas arrojadas navegações, estava enchendo de espanto toda a Europa.

Entretanto aquelles reis tendo por chimericas as pretensões de Colombo, mas não desejando abertamente repudial as, mandaram ouvir a esse respeito os seus astronomos e mathematicos mais entendidos, reunindo estes em Salamanca. O tal conselho de sabios, depois de grandes discussões acabaram por alcunhar de loucas e erroneas as theorias do genovez, pois a esse tempo só se conhecia o systema de Ptolomeu que fazia a terra immovel girando em torno d'ella o sol, e todos os outros astros. Não se acreditava nos antipodas, muito mais porque essa theoria era incompativel com os dogmas do christianismo, pois a admittir-se a existencia de terras habitaveis no hemispherio opposto iria isso destruir a lenda de Adão e Eva, que de certo não tinham transposto o oceano...

Tambem se duvidava da esphericidade da terra. Se esta fosse espherica não diriam as Escripturas Santas que a terra era plana e de forma d'um tabernaculo, isto é, não conhecendo limites, e tendo por docel o firmamento.

Outros admittiam a esphericidade da terra, mas sustentavam que as regiões tropicaes eram deshabitadas por causa do calcr ardentissimo do sol que lança os seus raios perpendicularmente para ali durante quasi todo o anno.

Ainda outros se apoiavam na doutrina de Epicuro, pretendendo que a terra era habitada e coberta da aboboda celeste n'um hemispherio, sendo o outro hemispherio, o cahos, o desconhecido, o nada (!)

Vê se pois como Christovão Colombo estava condemnado nas suas theorias... Elle, pobre e obscuro, dar lições aos mestres, aos sabios! elle estar em contraposição com o que diziam os livros sagrados!... ora essa!...

Quanto custa luctar contra os preconceitos e a ignorancia!

Dezoito annos andou Christovão Colombo n'essa faina, e elle, que não succumbiu com as fainas no mar, porque esmoreceria com as da terra? Mil vezes não. Continuou a luctar porque era espirito forte como são todos os espiritos geniaes... Luctar e vencer com os preconceitos, como luctou e venceu com a furia das vagas sobre esses profundos abysmos onde não havia vestigio algum do homem!

Christovão Colombo continuou solicitando. Felizmente metteu-se n'essas pretenções o confessor da rainha frei João Diez, abbade do convento de Santa Maria da Rabida e, n'esse tempo, negocio em que se mettia frade era sempre bem succedido.

A rainha tomou a peito o pedido de Christovão Colombo, e, apesar da corrente opposta que havia no paço — porque alem do thesouro se achar exhausto por causa da guerra com os mouros de Granada, avultava ainda a indignação dos grandes de Hespanha contra aquelle obscuro genovez que ousava no vago das suas proposições pedir para si, e seus descendentes, poderes magestaticos nas terras que elle descobrisse ou conquistasse, isto é, os officios de almirante e vice-rei que só se davam aos nobres e fidalgos da côrte — a rainha, dissémos, interessou-se tanto que chegou a ponto de affirmar — *que se o thesouro se achava exhausto de recursos, ella propria não duvidaria empenhar as suas joias por conta da sua corôa de Castella* (1).

Foi, finalmente, devido a essa poderosa protecção que Christovão Colombo formulou o seu contrato, ou tratado, com os reis de Hespanha, sendo este redigido por João de Coloma em Santa Fé, na Vega de Granada, aos 17 de abril de 1492 e no theor seguinte:

1.º — Os reis de Hespanha, como senhores que são dos ditos mares Oceanos fazem a Christovão Colombo seu Almirante em todas as ilhas e terras firmes que elle conquistar, ficando essa mercê para elle, não só em sua vida, mas para os seus successores e herdeiros perpetuamente, com todas as suas proveniencias, regalias e prerogativas pertencentes a esse cargo.

2.º — Suas Altezas fazem ao dito Christovão Colombo governador geral de todas as ilhas e terra firme que este descobrir ou conquistar, nos ditos mares, e que para o governo de cada uma d'ellas o dito Christovão Colombo escolherá tres pessoas, devendo d'essas tres pessoas Suas Altezas escolherem uma que melhor julgarem ao seu serviço, afim de que melhor possam ser governadas as ditas terras.

3.º — Que todas e quaesquer mercadorias, perolas, ouro, prata, especiarias ou quaesquer outros generos, sejam de que especie ou qualidade forem, que se comprarem, ou trocarem, ou ganharem, e que existirem dentro dos limites do dito almirantado, Suas Altezas fazem mercê ao dito Christovão Colombo da decima parte, tirada das despezas que se hajam de fazer com ellas, podendo o dito Christovão Colombo dispôr d'essa decima parte como bem lhe aprover.

4.º — Que se, por causa das mercadorias que o dito Christovão Colombo trouxer das ditas terras que se ganharem, descobrirem ou conqnistarem, nascer algum pleito entre as mercadorias, onde o commercio e trato se fizer, possa d'esse pleito conhecer o dito Christovão Colombo com toda a jurisdição que lhe pertencer n'essas causas como juiz.

5.º — Que em todos os navios que se armarem para o dito trato e negocio, cada, quando e quantas vezes se armarem, possa o dito Christovão Colombo, se quizer, conrribuir e pagar a oitava parte de tudo o que se despender com a armação, tomando por conseguinte para si a oitava parte dos lucros que houver d'essa empreza.

Lavrado na villa de Santa Fé de la Vega de Granada em 17 de abril de 1492 e assignado pelo rei, pela rainha e por mando dos ditos reis, pelos secretarios dos seus negocios João Coloma e João Rodrigues de Calcena.

Diz-se que um cortezão quando no paço se leu este contracto, estando presente Colombo, se riu alvarmente dizendo que o genovez nas suas propostas tudo tinha a ganhar e nada a perder.

O grande homem ao ouvir mais este gracejo insultuoso lhe respondeu:

— Pois bem, eu entro com a oitava parte das despezas contanto que me deem a oitava parte dos lucros.

Todos emmudeceram, até mesmo o sandeu.

O original do titulo expedido pelos Reis Catholicos nomeando Christovão Colombo almirante, vice-rei, e governador das ilhas e terra firme que elle descobrisse ou conquistasse, existe nos archivos do duque de Veragua, parente do grande navegador, e o duplicado nos registos das Indias, em Sevilha.

Eis um extracto d'esse documento, com os titulos que usavam aquelles reis.

«D. Fernando e D. Izabel por graça de Deus, Rei e Rainha de Castella, de Leão, Aragão, Sicilia, Granada, Toledo, Valencia, Galliza, Malhorcas, Sevilha, Sardenha, Cordova, Corsega, Murcia, Jaen, dos Algarves, Algecira, Gibraltar e ilhas Canarias; conde e condessa de Barcelona, Senhores de Biscaia e de Neopatria, condes de Ruysellon e de Sardenha, marquezes de Oristan e de Gaciano: Por quanto vós, Christovão Colombo por nosso mandado vá a descobrir e a ganhar com certas fustas nossas e com gentes nossas certas ilhas e terra firme no mar oceano, e se espera que, com ajuda de Deus, se descobrirão e ganharão algumas das ditas ilhas e terra firme no dito mar oceano por vossa mão e industria; e assim, sendo causa justa e rasoavel, que expondo vos ao dito perigo por nosso serviço, sejaes d'elle remunerado, e querendo-vos honrar e conceder algumas mercês por esses perigos, é nossa mercê e vontade que vós, o dito Christovão Colombo, depois que houverdes descoberto ou conquistado as ditas ilhas ou terra firme no dito mar oceano ou quaesquer d'ellas, sejaes nosso Almirante nas mesmas terras ou n'outras que houverdes de descobrir... e sejaes nosso Almirante, Vice rei e Governador d'ellas e vos possaes intitular então, e d'ahi em deante Dom Christovão Colombo, bem como vossos filhos e successores no dito officio e cargo, e se possam intitular Dom e Almirante, Vice-rei e Governador d'ellas, etc.»

Em seguida dão-lhe poderes para que possa sentenciar em todos os pleitos tanto civeis como criminaes e usar e exercer todas as attribuições do seu almirantado, e para que possa punir e castigar os delinquentes e bem usar dos ditos officios de Almirante, Vice-rei e Governador, lhe concedem os ditos officios de juro e herdade para todo o sempre aos seus descendentes e herdeiros.

Esta patente é da tada de 30 de abril de 1492.

*
* *

O titulo de *almirante das Indias* seguiu em 1.ª linha de varonia até D. Luiz Colon, neto do gran de almirante. O 4.º almirante, ultimo directo descendente na 2.ª linha masculina, foi D. Diogo Colon y Prava, segundo duque de Veragua, bisavô do avô do actual duque de Veragua.

Os descendentes de Christovão Colombo andaram em constantes demandas depois da morte de D. Luiz Colon, para possuirem os titulos e dignidades conferidos ao grande almirante (veja-se o tomo x da Historia Geneologica da Casa Real.

Parece que a fatalidade se comprazia de perseguir aquelle grande genio até mesmo nos seus descendentes.

E' porque a gloria ao mesmo tempo que cin-

(1) Izabel, rainha de Castella, era casada com Fernando V de Aragão, e, por este consorcio juntou a Castella os reinos de Aragão e Sicilia, constituindo mais tarde o reino da Hespanha.

ge a cabeça dos seus escolhidos com o deadema da immortalidade, crava-lhe na fronte os duros e cruentos espinhos da desventura.

(Continúa). *Silva Pereira.*

DELPHIM DE ALMEIDA

(Concluido do n.º 491)

IV

Um dia, Delphim de Almeida, movido já não sabemos por que estranho capricho, ao atirar para o cesto dos papeis velhos todos os seus apontamentos financeiros, para o lume os seus orçamentos e as suas estatisticas, sentio-se attrahido pelo gosto da archeologia. Foi primeiro simplesmente a necessidade de ganhar a sua vida que o impellio para os estudos historicos. Combinou com um editor de Lisboa — o sr. Mattos — escrever-lhe uma *Historia Universal*, modelada pela *Historia Universal* de Jorge Weber. Obras assim, para que o trabalho não seja doidamente desproporcionado com a remuneração, precisam de ser escriptos absolutamente sobre o joelho. Era isso o que Delphim de Almeida não se sentia capaz de fazer. Assumptos que estudasse, havia de profundal-os por força e ahi o temos lançado nos estudos historicos, depois, cada vez mais attrahido pelo magnetismo dos velhos livros e das velhas cousas, dos documentos cobertos de pó, e da silenciosa investigação no fundo dos archives, a arrancar ao passado o segredo das suas instituições, á velha linguagem portugueza o mysterio dos seus vocabulos, tentando emfim refundir o *Elucidario* de Viterbo que foi um monumento extraordinario para o seu tempo, e que hoje está já completamente anachronico, como não podia deixar de acontecer depois de tamanha revolução como a que se operou n'este seculo nos estudos historicos, revolução aliás brilhantemente iniciada pelo proprio Viterbo, e por eruditos como João Pedro Ribeiro e Antonio Caetano do Amaral.

O que podia tornar a obra de Delphim de Almeida verdadeiramente notavel era a mesma qualidade que já lhe dera um dos primeiros logares entre os nossos economistas, a de juntar um espirito largo, perfeitamente esclarecido por todos os clarões da sociologia moderna á perseverança de um estudioso, e á mais completa probidade scientifica. Essa qualidade podia collocal-o rapidamente a par de Herculano, se a versatilidade de d'aquella mente sempre indecisa e fluctuante lhe não tivesse feito perder tanto tempo precioso. Apenas encontrava uma pista interessante, ahi mudava elle a orientação dos seus estudos. Um dia attrahiam-n'o as superstições de meia idade, e isso bastava para elle fazer um estudo completissimo ácerca da tradição do diabo, estudo de que os leitores do Occidente se lembram de certo, porque lhe conheceram alguns excerptos; depois seduzia-o o estudo economico do seculo XVI, a apparição do *Looking back* de Edward Bellamy lembrava-lhe a *Utopia* de Thomaz Morus, os seus extraordinarios estudos traziam-lhe milhares de factos a provarem lhe a semelhança da crise economica do nosso tempo com a crise economica do seculo XVI, produzida pelos descobrimentos portuguezes, pelo oiro do Perú, pela prata do Mexico, e ahi estava elle prompto a lançar-se n'esse novo caminho. O que elle mesmo fez a essa obra a que consagrou os ultimos annos da sua vida e que podia realmente ser valiosissima! Começou por uma introducção que podia ser monumental, mas depois entendeu que devia reserval a para o fim, e ahi fica interrompido um estudo de primeira ordem! Emfim começa a escrever os primeiros artigos do *Diccionario*; o estudo ácerca do vocabulo *Ala* é primoroso, mas quando o acabou, viu se por tal fórma sobrecarregado de novos materiaes que deliberou refundil-o, por mais que lhe aconselhassemos que escrevesse um artigo supplementar para outro vocabulo! e assim foi que d'esse monnmento que elle podia erigir e que honraria de certo o seu nome e o seu paiz, apenas ficaram algumas pedras soltas admiravelmente lavradas, que dariam ao menos um portico ou uma janella, se elle não teimasse em desmanchar a obra de cada vez que concluia um lanço!...

V

Delphim de Almeida era extremamente valetudinario, e era esse um dos maiores espantos dos seus amigos. Como podia conciliar-se com a debilidade d'aquelle organismo franzino a violencia d'aquelle trabalho incessante?

Delphim de Almeida deitava-se cedissimo, dormia pouco, de manhã, ou de inverno antes de alvorecer, acordava, sentava-se na cama, punha uma meza especial em cima do leito, acendia a luz, e começava a trabalhar. Já quando o sol entrava alegremente pelo quarto de dormir é que elle se levantava e continuava á sua secretaria o trabalho, em que lhe era necessario a cada instante a consulta de dezenas de volumes.

Methodico o mais possivel nos seus trabalhos de investigação, não saia da leitura de um livro, por mais estranho que este parecesse aos seus estudos, sem innumeros apontamentos. Tudo isso era depois classificado e emmassado, e, como á leitura dos livros se juntára a leitura dos documentos, como elle, nas suas ultimas excursões de doente, se mettia nos archivos das camaras, no de Cezimbra por exemplo, para alli procurar soffregamente novos elementos de investigação, o volume dos apontamentos augmentára de um modo collossal. E esse tambem o inconveniente de serem os pesquizadores os mesmos que hão de aproveitar depois a colheita. Como podem apreciar melhor do que ninguem a riqueza de uma nova beta que apparece, como são os que podem atinar com betas ou *filões*, como hoje se diz á franceza, que só indirectamente parecem ligar-se com o veio principal, nunca o trabalho se lhes affigura terminado. Entontece os a abundancia das riquezas.

Era tambem curiosissimo vêr com que admiravel prudencia Delphim d'Almeida sabia velar pela sua delicada e melindrosa saúde.

Este eterno curioso da sciencia não pozera de parte a medicina, e sabia bem quanto era a terrivel a doença de intestinos que o perseguia, complicada com outras muitas, sendo todas aggravadas pela debilidade e ainda mais pela debilitação do seu organismo. Combatia-as com todos os cuidados, porque elle queria viver, para sua filha, cuja educação, cujo futuro eram as preoccupações constantes da sua alma. Assim, e bastará citar este exemplo frisante da rigidez com que se tratava, devoravam-n'o sêdes ardentissimas, e sabia ao mesmo tempo que todos os liquidos, e especialmente a agua, lhe faziam um mal terrivel. Pois teve animo durante vinte annos de não beber agua!. Quando a sêde o atormentava, enchia a bocca de agua e deitava-a fóra, e comtudo seguia com olhos cheios de inveja aquelles, que, mais felizes, n'estes dias calmos de verão, podiam deitar abaixo de um trago um copo de agua cristallina e fresca.

Um traço caracteristico da nobilissima alma de Delfim de Almeida era o conservar, apesar das turturas da doença, das amarguras e dos desenganos da vida e das suas preoccupações de archeologo que habitualmente se ligam com a rabujice, uma alegria mais exterior do que interna, mas que era por isso mesmo mais caracteristica. Era a prova d'esta bondade ingenita, que não quer fazer sentir aos outros o peso das suas proprias dôres e d'esta cordialidade infinita que ha só nas almas verdadeiramente boas, porque não é difficil distinguir a affabilidade que vem do coração da polidez por mais fina que seja, mas que se affivella no rosto para a mascarada mundana. Delphim procurava sempre ser agradavel aos outros, e tinha no seu espirito ornado, na antiga jovialidade, na finura da sua veia comica amplos recursos para tornar a sua companhia desejavel. Vivia, é certo, nos ultimos annos, quasi inteiramente segregado do mundo, no trato da sua familia e dos seus mais devotados amigos, mas que boas e alegres horas se passavam com aquelle voletudinario, nos entre-actos que a doença lhe concedia e que separava umas das outras as varias tragedias da sua existencia!.

. . . .

Consagrando estes breves linhas ao bom e saudoso amigo, que, para sempre se sumiu na sombra dos cyprestes, sinto não ter podido dar ao publico a impressão d'aquelle grande espirito e d'aquella nobilissima alma. Não póde de certo acudir-lhe aos labios na hora extrema o *Non omnis moriar* do poeta latino. Talvez, pelo contrario, sentisse a dôr immensa de pensar que de tantas ideias luminosas, de tantos maravilhosos estudos nada ficaria que podesse dizer aos seus compatriotas o que fôra e o que valêra aquelle financeiro insigne, aquelle economista, e sobretudo aquelle historiador que tão viva luz podia ter projectado nas trevas dos nossos tempos medievaes! E' que exactamente espiritos d'esta ordem são devorados pela ancia da perfeição, e emquanto os mediocres se pavoneiam com o primeiro pedaço de *strass* que lhes brilha diante dos olhos, os que são verdadeiramente grandes passam muitas vezes a maior e a melhor parte da sua vida a pesquizar os diamantes authenticos da mais pura agua, e, ainda depois de os terem encontrado, a polil-os e a facetal-os.

Já que não posso fazer mais, fique ao menos o meu protesto contra a indifferença que possa rodeiar o tumulo deste estudioso. Ao menos a Academia Real das Sciencias de Lisboa pôde gloriar-se de o contar primero no numero dos seus socios correspondentes, depois no dos seus socios effectivos. Ao financeiro deu a nomeação feita em tão honrosas circumstancias para vogal do supremo conselho das alfandegas de quem estava collocado pela sorte n'um dos infimos logares aduaneiros senão a remuneração, ao menos a consagração, ao historiador e ao archeologo deu tambem a Academia Real das Sciencias as palmas que merecia quem tão nobremente trilhara o caminho iniciado por Amaral, Ribeiro e Viterbo e tão gloriosamente percorrido pelo grande Herculano.

Pinheiro Chagas.

O DUQUE DE VIZEU

(EXCERPTO)

Além na praça d'Evora viste degolar
o duque de Bragança. O rei mandou matar
um nobre que o servia, um nobre de linhagem;
e tu, vendo a injustiça e cheio de coragem,
juraste então vingar-te. Prompto para a lide
ainda incitaste Pedro d'Athaide
e mais outros heroes, fidalgos arrojados,
que foram, como tu, tambem assassinados!
Um regicidio! Que cabeça d'avellã!...
Tiravas, sem piedade, o esposo a tua irmã...
Matar, assassinar, não é da luza grei,
é proprio d'um malvado que não teme a lei.
E o proprio D. João, ao vêr teu crime atroz,
tornou-se um assassino, fez se o teu algoz.
Fernando de Menezes foi assassinado,
depois do pobre irmão ter sido degolado;
e Pedro d'Albuquerque teve a mesma sorte
que teve o bispo d'Evora e D. Coutinho—a morte!

. . . .

E o duque, o conjurado, o reu d'lta traição
morreu ás mãos d'el-rei, morreu sem ter perdão.
Mandara o rei chamal-o. Ao paço de Setubal
correu logo o fidalgo sem temer o mal,
pois nunca elle suppoz que houvesse ali cilada,
que el-rei fôsse assassino ou salteador d'estrada.
No vão d'uma janella o rei lhe perguntou
sobre a conspiração. O duque vassilou...
Tornoulhe ainda o rei com voz enrouquecida:
—«Se um dia, alguem tentasse contra a vossa vida,
que farieis ao cobarde, a esse traiçoeiro?...»
O duque respondeu — «Matava-o eu primeiro...»
E el rei com cobardia, deu-lhe a punhalada!...
— «Pois morre, este exclamou com voz muito pausada,
tua sentença foste tu quem a escreveu...»

E cahiu assassinado o duque de Vizeu...

Alfredo de Pratt.

REVISTA POLITICA

As consequencias da crise financeira e economica vão manifestando se em cada dia do seu lado e de sua forma acomulando-se cada vez mais as difficuldades da administração, embrulhando se cada vez mais a meada, sem se lhe poder achar o fio por onde corra até ao fim sem embaraços a cada momento.

Era de esperar e o contrario seria milagre.

Depois das complicações do convenio e do emprestimo, appareceu a questão das obras do porto de Lisboa. Agora temos a fallencia da *Mala Real Portugueza* e a situação dos Bancos do Porto que pedem auxilio ao governo para os livrar dos apuros em que se acham.

Todas estas questões estão vivas e ainda se não disse a ultima palavra sobre ellas, porque todas ellas terão de ir parar ao parlamento logo que este se abra, e é de esperar que ainda deem muito que fallar de si.

Sobre o convenio e sobre a questão Hersent todos os dias os jornaes publicam noticias de reclamações, de intervenções estrangeiras, para no dia seguinte desmentirem aquellas noticias e publicarem outras que tornam a desmentir e assim successivamente, o que bem mostra a leviandade e a falta de criterio do jornalismo, que é deveras para

lastimar e sentir não seja um pouco mais cauteloso e consciencioso.

Com respeito á *Mala Real Portugueza* a resolução do governo, baseada no parecer da procuradoria geral da corôa, foi desfavoravel a esta empreza, não permittindo a alteração das viagens serem feitas pelo Cabo em vez de ser pelo Canal de Suez, e de lhe conceder o adiamento que pedia para pagar os emprestimos que o Estado lhe fez.

D'este modo a *Mala Real Portugueza* requereu a fallencia e foi-lhe nomeada uma administração.

Este acto do governo pouco em harmonia com a brandura dos costumes, fez grande sensação e tem sido o assumpto de todas as conversações assim como dos artigos de fundo de alguns jornaes, em que se tem distinguido o *Diario Popular* pelos desconchavos com que tem pertendido deffender a *Mala Real Portugueza* e atacar o sr. ministro da marinha.

Cremos bem que todos lamentam a sorte da *Mala Real Portugueza* principiando pelo governo que não pôde deferir ás suas pretenções, mas da falta do costume nascem os espantos, é um dito muito velho, o governo procedeu correctamente, em vista do concurso que precedeu o contracto que a mesma empreza fez com o governo, e vistas as circumstancias do mesmo governo, que pede espera aos seus credores, não serem de molde a elle fazer concessões aos seus devedores.

Estas razões são elementares, de tão facil comprehensão, que só admira que haja quem as não acceite por boas, e queira sobre ellas bordar argumentos *soi-disant*, em contrario invenenando as intenções do governo.

Não nos admira nada isto e se o governo continuar a proceder correctamente, com a lei na mão e a coherencia em seus actos, é de esperar o mesmo governo caea nas censuras de muitos que entendam ou lhes faz arranjo entender por torto, o que é direito e vice-versa.

E clamem ahi pela vida nova, que logo que ella dá al gum signal de si, acham muito melhor a vida velha, a dos arranjos, a das leis de funil, a dos escandalos odiosos com que tudo se tem desmoralisado.

É duro que as circumstancias difficeis que atravessamos victimem emprezas tão sympathicas como a da *Mala Real Portugueza*, mas que fazer n'estes casos?!.

Como poderia o governo deferir a concessão pedida, se esse deferimento alterava completamente as condições em que tinha sido feito o concurso para a navegação da Africa Oriental? Como poderia elle annuir de livre vontade ao pedido da *Mala Real Portugueza* de lhe esperar pelo pagamento das quantias que o Estado lhe emprestou, quando o mesmo governo não póde pagar aos seus credores?

Como podia o governo ir contra o parecer da procuradoria geral da corôa, se elle a tinha consultado de acordo com a lei, sobre o que devia fazer?.

E por fim para que serviria atropellar a lei para valer a uma empreza cujos deffeitos de origem a levariam mais tarde ou mais cedo á fallencia.

Haja vista o celebre Banco Luzitano e a Companhia Real dos Caminhos Ferro Portuguezes.

A solução da crise dos bancos do Porto é tambem bastante difficil e complicada, ainda que parece estar em bons termos de se levar a effeito sem sacrificios para o thesouro, vindo entretanto a pesar sobre o Banco de Portugal, que aliaz está já bem sobecarregado.

Verêmos como a questão se resolve, sem que o governo se afaste do caminho que tem seguido, e que não dê motivo a ser tido por menos imparcial e recto.

Pelo ministerio da marinha foi publicada no *Diario do Governo* do dia 29 a reforma da administração do ultramar e n'esta reforma, que realisa uma economia de cerca de cem contos annuaes, observa-se o mesmo plano de boa administração que na reforma dos serviços de marinha a que nos referimos na nossa ultima revista.

Agora falla-se em que o governo vae suprimir o subsidio aos deputados, considerando este encargo como outros que os cidadãos são obrigados por lei a desempenhar gratuitamente.

Partindo d'este principio achamos perfeitamente justa esta projectada medida do governo, tendo ainda a vantagem de não obrigar ninguem a ser deputado, emquanto que outros cargos são obrigatorios e gratuitos, como por exemplo o de jurados.

Ora como o ser deputado não é um emprego, mas um encargo que o cidadão acceita se o quer acceitar, não vemos grande inconveniente em este encargo ser gratuito como é o de vereador, os de membros de juntas, etc.

No governo do Bispo de Vizeu reduziu-se o subsidio aos deputados a 300$000 por cada sessão legislativa quer ella durasse os tres mezes da lei quer se alongasse mais tempo. Esta reducção terminou com o primeiro governo que succedeu ao do Bispo e nunca mais se fallou em tal.

Agora que a reducção seria completa é provavel que morra antes de nascer se é admissivel o paradoxo.

Seria coisa curiosa de vêr até onde o patriotismo levaria esses salvadores da patria que para ahi se propõem com o competente carneiro com batatas.

Ao menos se derem carneiro com batatas que o paguem da sua algibeira.

João Verdades.

COSTUMES DA BULGARIA — UMA ALDEÃ

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos :

Relatorio das actas da Direcção da Associação Commercial do Porto no anno de 1891 *apresentado á assembléa geral, em sessão de 7 de Junho de 1892 sendo 1.º secretario Izidoro da Fonseca Moura*. Porto 1892. 1 vol. de 242 pag.as in 8.º seguido de varios mappas estatisticos do movimento commercial do Porto, em 1891, e illustrado com uma phototypia representando a escada nobre do edificio da Associação. Principia pela relação dos socios fallecidos durante o anno e outra dos socios honorarios e seus cargos, e a da direcção em exercicio no anno 1890-1891 seguindo-se o discurso de apresentação do relatorio á assembléa, o qual consta do seguinte : Visita de Sua Magestade El-Rei e da familia real á cidade do Porto; installação e abertura official da Bolsa; Novo regimen da administração das obras da barra e rio Douro; Melhoramentos no telegrapho poste semaphorico em Leixões, etc.; Obras do edificio da Associação — seu estado de adiantamento; Situação do commercio de vinhos — A questão dos alcooes, etc.; Situação economica geral do paiz — Commercio de importação e de exportação — Crise financeira e monetaria — Cambios — Providencias e medidas dos poderes publicos — Impostos e regimen pautal — A questão bancaria — Outros assumptos — Conclusão. Seguem-se relatorios especiaes sobre as obras do porto de Leixões; da 1.ª circumscripção hydraulica; dos caminhos de ferro do Minho e Douro e das obras da bolsa pelos respectivos engenheiros.

A segunda parte d'este relatorio insere documentos relativos a interferencia da Associação em varias questões de interesse para o commercio, junto dos poderes publicos, etc.; concluindo com a relação dos socios effectivos em numero de 630, e com uma estatistica do movimento commercial do Porto, em 1891, e sua comparação com o movimento dos annos anteriores.

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
R. Nova do Loureiro, 25 a 39